

O ESPETÁCULO ESPORTIVO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A BRASILEIRIDADE: UMA ANÁLISE DA ABERTURA DOS JOGOS PAN-AMERICANOS DE 2007 - O “PAN DO BRASIL”

Ms. Bruno Otávio de Lacerda Abrahão¹
Dr. Antonio Jorge Soares²

Resumo

Os autores analisam como as representações sobre a “brasilidade” emergiram na abertura dos XV Jogos Pan-Americanos. Tomando como fonte a festa de abertura dos jogos, observamos a cobertura daquele evento através de matérias dos jornais “O Globo” e “Jornal do Brasil” para entender como os símbolos identitários brasileiros, especialmente o samba e a capoeira, foram utilizados na abertura dos Jogos Pan-Americanos. Interpretados pela mídia como metonímias da identidade brasileira, a utilização do samba e da capoeira na festa de abertura do “Pan do Brasil” servia para reafirmar os valores da “nação mestiça”.

Palavras Chave: XV Jogos Pan-Americanos; espetáculo esportivo; identidade brasileira.

“ao assistir às Olimpíadas ou a outros eventos transformados em exibições cheias de emoção, é difícil acreditar que o Estado nacional esteja acabado” (Mann, 2000, p. 314).

Introdução

As nações comungam características físicas e mentais que são pensadas como peculiares de seu povo. A construção dessas representações hegemônicas se vale das lutas por territórios simbólicos que são elaborados pela seleção de certos traços de distinção em detrimento de outros. Tomando essa perspectiva e adotando o suporte teórico metodológico da perspectiva de estudiosos do nacionalismo (Anderson, 1983; Smith, 2000; Balakrishnan, 2000) que chamam atenção para o fato de que as nações são construídas³ ou inventadas⁴ revela-se importante analisar como os espetáculos esportivos têm desempenhado um importante papel para a construção da identidade e imaginação nacional.

A espetacularização dos esportes na atualidade permite compreendê-los enquanto espaços privilegiados para a ebulição de dramatizações sobre a imaginação nacional. Nesse sentido, o esporte ilustra e acompanha o processo de construção simbólica e imaginária das nações. Dessa maneira, interessa-nos estudar o papel do amalgama “espetáculo esportivo - identidade nacional” enquanto uma arena pública que

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho (PPGEF – UGF) – Docente da FASAR, UNIPAC e Centro Universitário Izabela Hendrix.

² Professor do PPGEF – UGF e da UFRJ. Pesquisador do CNPq.

³ “Todas as nações são comunidades imaginadas”: “todas as comunidades maiores do que as aldeias primitivas (...) são imaginadas. As comunidades devem ser distinguidas não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo como são imaginadas” (Balakrishnan, 2000, p. 215).

⁴ Benedict Anderson desenvolveu o conceito de Comunidade Imaginada. A identidade nacional não é inteiramente dependente da idéia que fazemos dela. Sendo assim, e uma vez que não seria possível conhecer todas aquelas pessoas que partilham de uma mesma identidade nacional, devemos ter uma idéia partilhada sobre aquilo que a constitui: “a diferença entre as diversas identidades nacionais reside, portanto, nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas” (Woodward, 2000, p. 24).

oferece um cenário simbólico privilegiado para formar e reforçar as identidades sócio-culturais de tipos nacionais (Fiengo, 2003).

Ao longo do Século XX, os esportes se tornaram espaços privilegiados para construção de metáforas e analogias sobre a qualidade ou o caráter dos povos das nações representadas em competições internacionais. A promoção de uma auto-identificação nacional e as crenças de diferenciação perante aos “outros” são facilitadas pela identificação imediata de uma dada coletividade, ora apresentada pelos clubes ou seleções nacionais. Adaptando esse conceito à construção do Brasil, pensemos sobre o papel desempenhado pelo espetáculo esportivo para a interpretação da nacionalidade brasileira.

Na cidade do Rio de Janeiro, em Julho de 2007, ocorreram os XV Jogos Pan-Americanos. O “Pan do Brasil”, slogan pelo qual fora chamado, foi um dos poucos⁵ eventos esportivos de relevância internacional que foram sediados em solo brasileiro. Para além dos interesses particulares do esporte, o fato de uma cidade brasileira ter sido a anfitriã do maior evento esportivo das Américas fez circular muitas representações sobre o Brasil e os brasileiros. Diferentemente das outras edições onde fora convidado, a XV protagonizava a identidade brasileira diante das outras nacionalidades.

Cuche (2002) ensina que a cultura é um espaço contestado e de luta para a afirmação dos seus significados. Nesse sentido, a abertura do “Pan do Brasil” ofereceu-nos uma excelente oportunidade para a compreensão da imaginação nacional. Entendendo-a enquanto um espaço de marcação da identidade brasileira “para dentro” e “para fora” analisamos os produtos simbólicos utilizados para representar o Brasil naquele espetáculo. Se os traços que distinguem a identidade de um Estado-nação reside nas formas homogeneizadoras pelas quais ele escolheu ser “imaginado”, o objetivo deste artigo é analisar as representações sobre a “brasilidade” que emergiram a partir da festa de abertura dos XV Jogos Pan-americanos.

Para tanto, recorreremos às matérias jornalísticas que circularam no dia 14 de Julho, dia posterior à abertura dos Jogos. Nosso interesse foi (1) observar quais foram os recursos utilizados na abertura dos XV Jogos Pan-Americanos e (2) interpretar como a festa de abertura foi recebida pela imprensa local. Interessa-nos entender os recursos utilizados para espetacularização do “Pan do Brasil” e como esses recursos foram recebidos pela imprensa local.

Estamos partindo do modelo codificação/decodificação proposto por Hall (2003). Segundo o autor esse modelo inaugura uma nova maneira de fazer estudos tomando a mídia como foco de análise. Dentro de um quadro mais abrangente, esse modelo propõe que o consumo determina a produção e vice-versa⁶. Hall entende ainda que a produção de uma mensagem não é uma atividade tão transparente como parece. Ela é parte de uma estrutura complexa cujos significados não são fixos, mas sim determinados por uma produção cujo sentido ideológico está relacionado com conteúdo político⁷. Hall se vale do modelo saussuriano em que a linguagem deve ser entendida como uma articulação da diferença. Logo, o interesse deve recair sobre as diferenças

⁵ Lembremos que anteriormente o Brasil havia sediado a Copa do Mundo de 1950 e os Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo.

⁶ Isso forneceria aquilo que Hall chama de articulação, isto é, “um entendimento do circuito do capital como uma articulação de momentos de realização com momentos de produção” (p. 356).

⁷ “O significado da mensagem tem a ver com a maneira como se pensa questões políticas” (Hall, 2003, p. 355)

para entender o que as articula: “A linguagem é uma articulação de diferenças” (*idem*, p. 360).

À luz do exposto, nosso intento será analisar a mensagem emitida pela abertura do “Pan’ 2007” a partir da qual o Brasil buscou articular sua “diferença” em relação às outras nações.

Sob o símbolo da mestiçagem: a espetacularização da identidade brasileira na abertura do “Pan’ 2007”.

Fiengo (2003) ressalta a crescente mediatização e transnacionalização dos espetáculos esportivos: “los médios de comunicación crean una densa red por la que circula los productos culturales” (p. 263). Interpretar os eventos esportivos internacionais segundo os códigos culturais do presente permite-nos compreender a emissão ideológica das narrativas esportivas à luz dos dramas da construção das identidades nacionais. Logo, as festas de abertura dos grandes eventos esportivos configuram-se uma das possibilidades de observação das diferentes representações pelas quais as nações escolheram serem vistas e identificadas. Quais sentidos a festa assume “para dentro” e “para fora?”

A partir dessa perspectiva analisamos a festa de abertura do “Pan do Brasil”. Vejamos as matérias. Em letras garrafais, o Jornal do Brasil estampou em sua primeira página:

“A maior de todas as festas:

O Rio é Pan: 75 mil espectadores viram o Maracanã transformar-se numa *galeria da alma brasileira*. Elza Soares reviveu Garrincha: paralisou o estádio com a interpretação do Hino Nacional. Era o prelúdio de um *show de raízes*. Em verde e amarelo a delegação foi festejada com a alegria de um gol. (...) dos batuques anunciavam a ópera amazônica à aquarela do Brasil, os Jogos Pan-Americanos foram abertos por um espetáculo impecável de danças luzes e sons. Melhor inspiração, os atletas não haveriam de ter” (o itálico é nosso).

Na mesma direção, O Globo⁸ estampa:

Fogo sagrado: a festa de abertura do Jogos Pan-Americanos que o Rio apresentou para o mundo foi perfeito. O show de cores que *valorizou a cultura brasileira (...)*” (o itálico é nosso).

O dilema brasileiro e que em alguma medida também se refletia na escolha dos elementos que seriam utilizados na festa de abertura do “Pan do Brasil” seria: quais recursos simbólicos deveriam ser utilizados para homogeneizar a identidade de uma nação cujas dimensões são continentais e que traz consigo uma alta diversidade cultural? Toda identidade é construída a partir da escolha simbólica de determinados elementos. Dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos. Se uma sociedade é reconhecida pelas representações que ela faz de si (Ortiz, 2003), cabe aqui entender quais foram os traços distintivos selecionados pela cultura brasileira para se mostrar na abertura do Pan’ 2007.

O RIO 2007 trouxe a “energia” como tema. O mote dos Jogos, “Viva essa Energia”, foi apresentado na cerimônia através da força vinda de três elementos: sol, águas e do ser humano num belo espetáculo de cores, luzes e sons que reunia diversas representações sobre o Brasil. Além de vários efeitos de iluminação a festa teve como destaque atletas, dançarinos e figurantes que abrilhantaram o evento. Cada país foi

⁸ Esportes, p. 1.

representado por globos giratórios com seus respectivos nomes escritos em português, inglês e espanhol dando destaque às três línguas mais faladas no continente americano.

Carlota Portella⁹, uma das responsáveis pelas coreografias da festa de abertura, optou por representar a identidade brasileira à luz desse cenário por meio de acrobacias circenses imiscuídas aos floreios do jogo de capoeira¹⁰. As coreografias homenageavam as belezas naturais e culturais do país. Em cena estavam elementos da natureza tropical e da pluralidade cultural brasileira. Relembremos que na ocasião da entrada das delegações, a “trilha sonora” da delegação brasileira foi o samba. Com efeito, *o samba e a capoeira* foram os produtos culturais elegidos para protagonizar a festa de abertura do “Pan do Brasil”. Isso foi o que pôde ser observado a partir da transmissão da Rede Globo de Televisão.

As afirmações sobre a identidade e a diferença dependem de uma cadeia oculta entre outras identidades. A identidade “ser brasileiro” não pode ser compreendida destituída de um processo de produção simbólica e discursiva construída sobre o “ser brasileiro” (Tadeu da Silva, 2001). Neste sentido, a ênfase recai em analisar quais foram os traços simbólicos acionados sobre o “ser brasileiro” a partir da abertura do “Pan do Brasil”.

A simbolização do Brasil através da capoeira e do samba explicam a eleição dos “produtos mestiços” como mediadores da identidade nacional. A construção da “brasilidade” ter-se-ia dado através de sucessivos tratamentos de diferença. Uma sociedade, ensina-nos Arruda (1998), é explicada pelas representações que faz de si mesma. Nesse sentido, *Made in Brazil* é sinônimo da reprodução de nossos exóticos produtos culturais mestiços (Schwarcz, 2001).

A análise da produção discursiva do “ser brasileiro” perpassa por uma compreensão do conteúdo simbólico e político da mestiçagem (Munanga, 2004). Vista sob esse prisma, a mestiçagem deixa de ser concebida como um fenômeno estritamente biológico e passa a ter seu conteúdo afetado pelas idéias que se fazem dos indivíduos que compõem essas populações e pelos comportamentos supostamente adotados por eles em função dessas idéias: “A noção de mestiçagem que é ao mesmo tempo científico e popular está saturada de ideologia” (Munanga, 2004).

Munanga (2004) lembra que, comparativamente aos países e nações mais antigos, o Brasil, assim como todos os países novos que nasceram do descobrimento e da colonização, deveria construir artificialmente sua nacionalidade. As relações raciais e a mestiçagem constituem a trama de toda a história da América Latina. Conceitos como “cultura”, “cor”, “classe” adquiriram uma grande importância a partir da década de 20. Com a rearticulação e afirmação do ideologema da mestiçagem e frente aos discursos edificantes de reconstituição do Estado-nação ou das respectivas culturas nacionais, o

⁹ Carlota Portella é uma premiada coreógrafa carioca. Possui formação em balé clássico a partir dos seis anos de idade, no Rio de Janeiro. Frequentou por um ano a Académie Internationale de Dance (em Paris). De volta ao Brasil, continuou sua formação em balé clássico e jazz na Escola de Ballet Dalal Achcar. Em 1976, ganhou bolsa da Unesco para o Curso de Animação e Administração Cultural de Ballet, na Ópera de Paris. Também frequentou o Mudra (escola de Béjart), a Academia London Dance Centre e a Escola Rosella Hightower (Cannes). Em 1981 formou sua Companhia profissional, o Vacilou Dançou, no espetáculo de estréia com o mesmo nome, e abriu sua própria escola, o Jazz Carlota Portella. Em 1986 recebeu o Prêmio Momento Jovem, pelo trabalho à frente da Companhia Carlota Portella - Vacilou Dançou. Em 1987, recebeu moção inserida nos Anais da Câmara Municipal do Rio de Janeiro por “relevantes serviços prestados à arte da Dança”. http://www.rio.rj.gov.br/rioarte/site/danca_subvencao.

¹⁰ <http://www.globo.com>, acessado em 14 de novembro de 2007.

discurso culturalista da etnicidade encontrou solo fértil para seu florescimento na América Latina, especialmente na cultura brasileira.

Com base no ideologema da mestiçagem, a partir dos anos 20, surgiram novos modelos interpretativos da cultura e da identidade brasileira. No plano do discurso emergiu uma cultura (racializada) capaz de eliminar o conflito entre os opostos, entre os tradicionais antagonismos, como região/nação, branco/não-branco, (neo)colônia/metrópole, cidade/ campo, civilização-barbárie. Foi a partir de então que o sociólogo Gilberto Freyre surgiu como um dos principais protagonistas daquele cenário nacional.

Atribuindo um novo sentido ao tema da mestiçagem do Brasil, a grande contribuição de Freyre no clássico *Casa Grande & Senzala* (1933) foi mostrar que negros, índios e mestiços ofereceram contribuições positivas para a cultura brasileira. A mestiçagem foi adotada, a partir de então, como parte de um projeto nacional de “reinvenção do Brasil”. Aquilo que outrora fora visto como empecilho ao progresso e motivo de vergonha, recebia, a partir daquele período, um sentido renovado, sendo visto como motivo de orgulho e de identidade (Skidmore, 1976; 1994). Afinal, como diziam as interpretações culturalistas de Gilberto Freyre, a mestiçagem seria um motivo para que os brasileiros pudessem se orgulhar de si mesmos (Freyre, 1933).

A mestiçagem deixava de ser vista com um valor negativo, um sinal da degenerescência física e moral de um povo, para receber um valor positivo. Tratando-a do ponto de vista cultural, Freyre consolida o mito originário da sociedade brasileira num triângulo cujos vértices seriam as contribuições das “raças” negra, branca e índia. Foi a partir delas que surgiram as misturas. As três raças trouxeram também as heranças culturais paralelamente aos cruzamentos raciais, o que deu origem a outra mestiçagem no plano cultural. Da idéia dessa mistura, brotou lentamente o mito da “democracia racial”. Com isso, Freyre completou os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada. Democracia, neste aspecto, significa a coexistência da heterogeneidade com a harmonia.

Baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as raças formadoras, o mito da democracia racial penetrou na sociedade brasileira exaltando a idéia da convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos. Tomando as palavras de Renato Ortiz, os elementos da mestiçagem contêm justamente os traços que naturalmente definem a identidade brasileira: a unidade na diversidade: “essa fórmula ideológica condensa duas dimensões: a variedade das culturas e a unidade do nacional” (Ortiz, 1985, p. 93). Dentro desta perspectiva o documento de Política Nacional de Cultura definirá a cultura brasileira como um produto da aculturação de diversas origens. Ela “decorre do sincretismo de diferentes manifestações que hoje podemos caracterizar como genuinamente brasileiras, traduzindo-se num sentido que, embora nacional, tem peculiaridades regionais” (*idem*).

A mestiçagem foi tomada assim como a “forma nova de diferenciação nacional” e o “mestiço” o “agente transformador” por excelência da cultura nacional. Assim a teoria freyreana toma a mestiçagem em *síntese* e o mulato em ícone da democracia racial e social. Tal democracia, “pela sedução moral e pela fascinação humanista de sua proposta, estabelece-se como ideal do qual até hoje o Brasil se orgulha” (Martínez-Ehazábal, 1996).

Associada aos mecanismos de construção republicana e de representação nacional, a mestiçagem seria a chave para integrar os dilemas nacionais a favor da construção de uma civilização nos trópicos. Orientada pela demanda de construção de

um discurso distintivo sobre a nação, a categoria da “mestiçagem” foi investida capital simbólico para representar o Brasil. O mestiço transformou-se em símbolo da brasilidade, a partir do sincretismo de elementos culturais. O samba e a capoeira, além do candomblé e do futebol se transformariam, assim, em representantes do Brasil. “Desafricanizados” e simbolicamente clareados, esses elementos culturais passaram a atender, a partir dos anos 20-30, à demanda da construção da nacionalidade brasileira.

Miscigenados, esses símbolos brasileiros dramatizam uma das marcas distintivas da identidade brasileira: a ilustração ideológica da propalada convivência pacífica entre os antagonismos da sociedade brasileira que se tornariam um modelo a ser copiado de paz interétnica. Esses produtos ilustrariam “democracia racial brasileira”, um dos mitos nacionais que privilegia o discurso assimilacionista de uma nação que soubera romper com o passado escravo e vislumbrar um futuro a partir do legado das suas matizes étnicas.

A mensagem do “povo-novo” que provinha de matrizes mestiças impostas pelo colonialismo e pela escravidão era que o Brasil queria ser visto pelas representações da mestiçagem. No plano das ideologias nacionais, a mestiçagem representa a igualdade proporcionada pelo esquecimento das diferenças que hierarquizavam anteriormente e uma crítica à “pureza racial” que por muito tempo serviu de bastião para a escravização e/ou colonização dos povos. Para além da bipolarização hierarquizante “colonizador-colonizado”, o “mestiço” só é possível se os antagonismos ou as categorias que outrora foram pensadas como naturais ou puras forem suspensas. A eleição da “mestiçagem” atende a uma demanda do “Novo Mundo” de construir uma identidade que expressasse a civilização da Jovem República.

A proposta de leitura do mundo pelo “Novo Mundo” seria a da conciliação e da igualdade permitidos pelas interpretações ideológicas sobre os “produtos mestiços”. “Miscigenados”, esses símbolos brasileiros ilustravam uma das marcas distintivas da identidade brasileira: a ilustração ideológica da propalada convivência pacífica entre os antagonismos da sociedade brasileira que se tornariam um modelo a ser copiado de paz interétnica. Esses produtos ilustrariam “democracia racial brasileira”, um dos mitos nacionais que privilegia o discurso assimilacionista de uma nação que soubera romper com o passado escravo e vislumbrar um futuro a partir do legado das suas matizes étnicas. Decorrente da positividade como foi encarada as relações raciais na sociedade brasileira, a “democracia racial” expressava o *ethos* civilizado de uma nação que soubera superar, sem conflito, o preconceito racial.

Alegorias do discurso ideológico da “democracia racial”, os “produtos culturais mestiços” dramatizam um dos traços distintivos da identidade brasileira perante as outras. No plano simbólico, o futebol e a capoeira representam o *ethos* da brasilidade, qual seja: o discurso ideológico da harmonia multirracial da “nação mestiça”. No plano simbólico, esses “produtos culturais mestiços” ilustravam a mensagem ideológica da demonstração de uma essência democrática do caráter nacional. Essa seria a contribuição da “nova” - porém “civilizada” - nação brasileira teria para oferecer ao mundo.

Chacon (2001) esclarece que uma cultura se descobre ao constituir-se. Nessa direção, para o autor o Brasil não foi propriamente descoberto, nem achado, nem qualquer outro nome que lhe dê, numa data rígida. O descobrimento do Brasil é a sua contínua construção. Foram etapas sucessivas de construção, antes e depois das datações de hoje. Cada cultura, seiva do fazer da civilização, vale pela capacidade de resposta aos desafios. Diante disso, observamos, a partir dos modelos escolhidos, que os

espetáculos esportivos dramatizam uma outra disputa abstrata pelas formas de imaginação das nacionalidades no mercado internacional e da construção da brasilidade.

Se do ponto de vista biológico e sociológico, a mestiçagem e a transculturação dos povos que se radicaram no Brasil é um fato consumado, no plano dos significados da cultura, “mestiçagem” e a “raça” são categorias (re)negociadas ao sabor de critérios ideológicos-políticos e das relações de poder impostas socialmente. A abertura do “Pan do Brasil” articulou temas da identidade brasileira radicando na memória nacional aqueles símbolos que traduziriam “a alma”, “as raízes”, enfim, a “cultura brasileira” se nos reportarmos às interpretações dos jornais locais. Todavia, poder-se-ia perguntar: quais seriam os recursos simbólicos utilizados para a afirmação do “Pan do Brasil” senão o samba e a capoeira?

O que estamos querendo marcar é que se os símbolos só têm coerência mediante seus significados, a eleição dos exóticos “produtos mestiços” selecionados para representar o Brasil naquele evento reforça a mensagem ideológica da “nação mestiça”. Aos olhos de 75 mil telespectadores revelaram-se os símbolos identitários brasileiros: aqueles pelos quais o Brasil quer que seja protegido na sua *memória*. Se as formas de fazer lembrar a nação é construída às custas de muitos esquecimentos e algumas lembranças, a abertura do “Pan do Brasil” rememorou aos brasileiros os produtos culturais do “Brasil mestiço”, bem como sua mensagem ideológica, reafirmando-a nos significados da cultura brasileira e diante das outras nações.

Lembremos que na abertura do “Pan do Brasil” estavam presentes outros povos americanos e que esse espetáculo esportivo foi televisionado para outros países. Logo, aquele espetáculo esportivo servia para exibir os significados das fronteiras simbólicas da nacionalidade brasileira perante “as outras” a partir da abertura do maior evento esportivo da América. A exposição do samba e da capoeira – os produtos nacionais “mestiços” - no mercado internacional representaria a auto-imagem da harmonia multirracial e do *ethos* festivo do “ser brasileiro”. Alegorias do discurso ideológico da “democracia racial”, os “produtos culturais mestiços” dramatizam um dos traços distintivos da identidade brasileira perante as outras.

No plano simbólico, o samba e a capoeira representam o *ethos* da brasilidade, qual seja: o discurso ideológico da harmonia multirracial da “nação mestiça”. No plano identitário isso é o que caracterizaria o Brasil. Acionada aos olhos do mundo a partir dos grandes eventos esportivos, a veiculação do predicado “mestiço” ao Brasil reforça a auto-imagem e potencialidade desta nação no mercado das nacionalidades fazendo com que sua identidade seja preservada da suposta homogeneização cultural da Pós-modernidade¹³.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, B. **Imagined communities: reflections on the origins spread of nationalism**. Londres: verso, 1983.

ARRUDA, A. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In: Arruda, A. (Org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BALAKRISHNAN, G. A imaginação nacional. In: Balakrishnan (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

CHACON, V. **A construção da brasilidade: Gilberto Freyre e sua geração.** Brasília: Paralelo 15 – São Paulo, Marco Zero, 2001.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** 2ª Edição. Bauru: EDUSC, 2002.
FIENGO, S. V. Gol-balización, identidades nacionales e fútbol. In: Alabarces, P. (Org.). **Futbologias: fútbol, identidad y violencia em América Latina.** 1ª. Edição, Buenos Aires: Clacso, 2003.

FREIRE, G. **Casa Grande & Senzala.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1933.

MANN, M. Estados nacionais na Europa e noutros continentes: diversificar, desenvolver, não morrer. In: Balakrishnan, G. (Org.). **Um mapa da questão nacional.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, L. O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual? In: Maio, M. C.; Santos, R. V. (Orgs.) **Raça, ciência e sociedade.** Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 1996.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Autêntica: Belo Horizonte, 2004.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

SCHWARCZ, L. M. **Racismo no Brasil.** São Paulo: Publifolha, 2001.

SKIDMORE, T. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____ **O Brasil visto de fora.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SMITH, A. D. O nacionalismo e os historiadores. In: Balakrishnan (Org.). **Um mapa da questão nacional.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

TADEU DA SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In: Tadeu da Silva, T. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tadeu da Silva, T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-72.